

O ESTUDANTE NOVO NA NOVA CIDADE

Fábio Nieto Lopez¹

Resumo: Esse artigo traz uma revisão teórica sobre o processo de afiliação estudantil de estudantes que chegam do interior do estado para a UFBA, tendo como ponto central a discussão da vida contemporânea nos grandes centros urbanos, as relações de tempo e espaço com a cidade e com a universidade, e as implicações que esses aspectos podem trazer na entrada da vida universitária.

Palavras-chave: universidade, estudante, cultura metropolitana, contemporaneidade.

A entrada na universidade é um momento de intensas mudanças na vida daquele que ingressa na graduação. Esse momento é visto como uma passagem da condição de aluno à condição de estudante (Coulon, 2008), quando terá pela frente o desafio de construir seu próprio itinerário em um contexto muito diferente do ensino médio, que impõe a ele diferentes concepções do uso do conhecimento, das regras, do tempo e do espaço. Esse primeiro momento de afiliação à nova instituição mostra-se como o mais delicado do processo e se estabelece, na prática da universidade, no período de maior risco de abandonos e evasões. Aquele que chega sozinho, vindo de uma cidade do interior do estado, enfrenta um grau ainda mais acentuado de rupturas e desestabilizações, acrescentando-se àquelas comuns a todos os outros estudantes, a exigência do afastamento de seus amigos, parentes, cidade, e o desafio de decifrar e interagir com a mudança brusca de tempo e de espaço que uma grande cidade irá impor.

Esse estudante, rico em conhecimento de sua cidade, membro competente de uma comunidade com seus próprios hábitos e conceitos, passa, rapidamente, à condição de estrangeiro de outra cidade em sua busca por conhecimento, formação superior, por melhores condições de trabalho, ou pela realização de um sonho. No caso dos cursos da UFBA em Salvador, esse estudante terá muitos desafios pela frente. Além de todo o aprendizado que se espera de quem ingressa em uma graduação, encontrará uma cidade que conta seus habitantes aos milhões, e terá que percorrer por ruas movimentadas, por distâncias dilatadas, entre multidões desconhecidas e apressadas.

¹ Fábio Nieto Lopez é psicólogo (formado pela UNESP-Assis), diretor teatral (formado pela UFBA), mestrando em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da UFBA, e atualmente é professor substituto do IHAC (Instituto de Humanidades, Artes e Ciências) da UFBA. fabionieto@gmail.com.



O tempo-espaço (Harvey, 2009) de seu cotidiano mudará drasticamente, justamente em um momento já repleto de significados e de rupturas, como é a entrada no ensino superior. Todos os cantos, os rostos, os cheiros, os caminhos e seus atalhos, terão ficado para trás em uma rodoviária, para desembarcar em outra muito mais movimentada e impessoal, e seguir um itinerário de estrangeiro, daquele que olha tudo pela primeira vez e tem a capacidade de se espantar com o que já é comum e despercebido para os habitantes locais. Será uma infinidade de novos rostos, novos cheiros, e novos caminhos, sem nenhum atalho ainda.

Os atalhos e as familiaridades terão que ser construídos e descobertos em um intrigante enigma para quem encontra além de uma nova e grande cidade, uma comunidade mergulhada na contemporaneidade e em seus modos de convivência, que imprime relações menos acolhedoras, mais superficiais e menos “viscosas”, como diz Bauman (1998), no sentido de que as pessoas evitam qualquer relação que crie compromisso, ou vínculos duradouros. As redes de segurança, da vizinhança e da família, mesmo para aqueles que já moram na capital, estão fragilizadas ou quase rompidas, pela proliferação de projetos individuais urgentes em detrimento de qualquer projeto comunitário ou coletivo.

Coulon (2008) entende a mudança do ensino médio para o ensino superior como um processo de passagem, assim como Van Gennep (1978) compreende as transições ritualísticas em que um indivíduo muda de status dentro de seu grupo, passando por três etapas diferentes: separação, transição e incorporação. No livro “A Condição de Estudante”, Coulon muda os nomes utilizados por Gennep dessas fases ao estudar a transição para a condição de estudante. O estudante passaria, desta forma, por três tempos: o tempo do estranhamento, o tempo da aprendizagem e o tempo da afiliação.

O interesse de Coulon se estabelece na entrada dos alunos na universidade e as transições atravessadas por eles nesse processo importante de passagem para a vida adulta, ingressando em um universo que lhe é estranho e complexo, concentrando rupturas, desestabilizações e aprendizados. A partir da contribuição de Coulon fica claro como ser estudante requer esforço e está longe de ser um processo natural ou espontâneo, mas sim um aprendizado de um novo ofício e, de certo modo, de um jogo sofisticado com as regras e com os conhecimentos da universidade.

Ao compreender a entrada na universidade como um processo de passagem, Coulon garante um olhar mais atento para um momento tão delicado na vida do estudante, quanto naturalizado pelo senso comum, visto apenas como um momento de

realização de um dever para alguns, das camadas mais privilegiadas economicamente da população, ou como a realização de um sonho para aqueles das camadas mais pobres e excluídas. Ao entrevistar centenas de alunos durante mais de quinze anos na tarefa de orientação de alunos dos primeiros semestres, acompanhando diários escritos pelos próprios alunos, através de entrevistas clássicas, conversas ocasionais e observações intensivas, o autor oferece um quadro rico sobre os etnométodos inventados pelos estudantes para lidar com o novo contexto que lhe é apresentado.

Estudante e Estrangeiro

Albert Camus, em 1942, escreve “O Mito de Sísifo”, e aprofunda a questão do absurdo da condição humana a partir da pergunta sobre o sentido da vida, e se não seria melhor desistir dela optando pelo suicídio. Para Camus, o homem de sua época encontrava-se em situação semelhante à de Sísifo, que foi condenado pelos deuses a empurrar eternamente uma rocha ao alto da montanha, de onde tornava a cair, incessantemente. A humanidade estaria, assim como Sísifo, empenhando todo o seu ser em não terminar coisa alguma (Camus, 2008), vendo-se em um destino de ações desvinculadas de sentido, mas, na visão do autor, esse destino só se torna trágico porque o herói tem consciência de sua situação. Camus visualiza Sísifo no momento em que vê a rocha rolar novamente ao pé da montanha e entende que essa é a “hora da consciência”, em que ele tem clareza de seu destino e o supera.

Esse mito só é trágico porque seu herói é consciente. O que seria a sua pena se a esperança de triunfar o sustentasse a cada passo? O operário de hoje trabalha todos os dias de sua vida nas mesmas tarefas, e esse destino não é menos absurdo. Mas só é trágico nos raros momentos em que se torna consciente. (Camus, 2008, p.139)

Seguindo nessa linha, Camus desenha a imagem do estranho como aquele que consegue olhar para si mesmo e descobre-se em meio a gestos mecânicos e a uma vida sem sentido. Nessa condição, ele defende sustentar o amargo sabor dessa experiência absurda ao invés de dar um passo para trás: “É preciso desistir de reconstruir sua superfície (do mundo) familiar e tranqüila que nos daria paz ao coração” (Camus, 2008, p.32).

Já no século XXI podemos notar que a condição de Camus de saber que “Para sempre serei estranho a mim mesmo” (p.33), não é compartilhada pela humanidade de um modo geral, mas a concepção do estranho como aquele que se estabelece em uma posição diferenciada que lhe permite observar o cotidiano e o comum, retorna em outras obras e em outros autores. Agora, não falamos mais em um estranhamento do homem

consigo mesmo, mas no estranhamento do deslocado, daquele que se encontra fora de seu local de origem, experimentando hábitos diferentes dos seus e praticando ações diferentes da cidade em que se encontra.

Nelson Brissac Peixoto (1988) traz o tema do olhar do estrangeiro ao analisar a obra de Win Wenders, e observa que a dramaturgia contemporânea tem se utilizado recorrentemente do personagem que vem de outro lugar, que acaba de chegar, que olha tudo pela primeira vez e se espanta com o comum da comunidade local, tornado-se capaz de ver o que nenhum outro morador consegue mais. Não seria exagero acrescentar, retomando Camus, que esse estrangeiro está mais próximo de notar a mecanicidade dos gestos dos habitantes locais. No caso do filme “Asas do Desejo”, do diretor citado acima, o personagem é um anjo que não sente os sabores, as texturas e as cores que os humanos percebem, e decide cair, literalmente, da sua condição de anjo para a de humano. Para isso ele tem que se jogar do alto de um prédio. O anjo aqui é uma encarnação do estranho, do recém-chegado, assim como de um turista, de um estudante que chega para um novo momento de sua vida, aquele que necessita dar sentido a todos os cheiros, todos os gostos, todas as experiências novas. Assim como uma criança ou um palhaço, ou um turista que parecem apreender cada detalhe dos lugares comuns, desmascarando nossas práticas aconchegadas nos hábitos.

O caso do estudante universitário não é o mesmo de um turista ou de um anjo, não seria, nas palavras de Georg Simmel (1983), “[...] o viajante que chega hoje e parte amanhã, porém mais no sentido de uma pessoa que chega hoje e amanhã fica.” (Simmel, 1983, p.182). Simmel não está falando aqui sobre o estudante universitário, mas sim dos estrangeiros de um modo geral que se mudam passam a habitar a nova cidade, como em muitos casos é exatamente o que ocorre com os estudantes. Para Simmel, a comunidade local verá o estrangeiro sempre nessa condição daquele que veio de fora, mesmo com a fixação dele na nova cidade, porque sua posição no novo grupo é determinada pelo fato de não ter pertencido a ele desde o começo. O autor analisa, ainda, seguindo nossa discussão, que o estrangeiro possui mais liberdade para perceber, entender e avaliar o que se passa, e, teoricamente, de forma menos preconceituosa ou moldada pelo hábito e pela piedade.

Ao final do século XX, Bauman (1998) traz reflexões que caminham próximas às de Simmel, e lembra que crescemos num mundo que quase a totalidade dos aspectos dele são tão óbvios a ponto de não serem conscientemente notados. Desta forma, acabamos construindo uma série de avaliações sobre o mundo, e as coisas do mundo,

que dão conta do cotidiano sem necessidade de muito esforço para interpretar os fatos. O autor comenta, ainda, que a chegada de um estrangeiro nesse contexto tem o impacto de um terremoto, exatamente por despedaçar “[...] a rocha sobre a qual repousa a segurança da vida diária.” (Bauman, 1998, pag. 19). Bauman traz a contribuição de Schutz sobre o estrangeiro, ao comentar que este não partilha as suposições locais, e, desta forma, passa a se tornar aquele que evidencia e aponta o que parece ser inquestionável e invisível para os membros do grupo.

Bauman está analisando o conceito de pureza, ligado a uma visão de ordem, das coisas colocadas em seu justo lugar, enquanto que uma dessas coisas encontradas “fora de seu lugar” daria a sensação do sujo, do imundo. Entretanto, há coisas móveis, que nem não conhecem ou não respeitam as fronteiras pré-determinadas, como é o caso das baratas, moscas, camundongos, etc., desmanchando a segurança e a ordem dos donos dos lugares. O autor vê semelhança com a condição do estrangeiro.

Se a “sujeira” é um elemento que desafia o propósito dos esforços de organização, e a sujeira automática, autolocomotora e autodondutora é um elemento que desafia a própria possibilidade de esforços eficientes, então o estranho é a verdadeira síntese desta última. Não é de surpreender que as pessoas do lugar, em toda a parte e em todos os tempos, em seus frenéticos esforços de separar, confinar, exilar ou destruir os estranhos, comparassem os objetos da suas diligências aos animais nocivos e às bactérias. Não de surpreender, tampouco, que comparassem o significado de sua ação a rotinas higiênicas; combateram os “estranhos”, convencidos de que protegiam a saúde contra os portadores de doença. (Bauman, 1998, p. 19)

Não é de se admirar, portanto, que em alguns estados brasileiros, como é o caso de São Paulo, os estudantes calouros da universidade são chamados de “bixos” (sic) pelos estudantes dos anos posteriores. São esses alunos, chamados de veteranos, que preparam e realizam o “trote” – nome dado a esse primeiro contato entre os dois grupos. Esse encontro muitas vezes torna-se violento. O professor Antônio Álvaro Soares Zuin (2002), da Universidade Federal de São Carlos, ao estudar a violência no trote, lembra o caso do calouro Edson Tsung-Chi Hsueh, encontrado morto no clube da Faculdade de Medicina da USP em 1999. Zuin comenta a tristeza e a desilusão do pai do estudante morto, o Sr. Feng Ming Hsueh, ao imaginar que na USP seu filho encontraria um universo mais educado, mais familiar, e que descobre, perplexo: “Não sabia que na faculdade meu filho ia encontrar mesmo perigo da rua” (Zuin, 2002, p. 243)

Grinberg & Grinberg (1984) consideram aquele que migra sozinho como desprovido de um grupo de pertencimento, de solidariedade, de colaboração e continência que ajudariam a assegurar o sentimento de identidade. Os autores indicam que há uma modalidade de “imigrante privilegiado”, que, como no caso de artistas,

profissionais, escritores, etc., já seriam previamente conhecidos pela cidade que o recebe, o que garantiria a realização do mesmo trabalho e a manutenção do mesmo status profissional que possui em sua cidade de origem. Além disso, profissionais que já entram contratados por empresas ou trabalhadores de serviços diplomáticos, também contariam com a proteção de não sofrer as angústias dos problemas econômicos imediatos, e por já contarem com condições e ambientes mais acolhedores.

O conceito de identidade que os autores apresentam é fundamental na discussão sobre a migração, considerando que esse “sentimento de identidade” se desenvolve baseado nos vínculos com os outros, e é o resultado de uma interação contínua entre três vínculos de interação: espacial, temporal e social. A migração, de um modo geral, afeta os três vínculos, mas pode predominar a perturbação de um sobre os outros (Grinberg & Grinberg, 1984).

Questões como a do tempo e do espaço ganham aqui importância na discussão do estranhamento desse estudante com a nova cidade e suas relações com o movimento, com os deslocamentos, com os hábitos, com as distâncias, etc., entendendo que esses estranhamentos estão atravessando as relações com a cidade, com a universidade e com outros universitários, afetando todos os níveis de sua relação com a instituição, com o conhecimento, e consigo mesmo.

Para Coulon (2008) na entrada dos estudantes na vida universitária, entram em jogo três modalidades diferentes, todas fundamentais no processo de afiliação do estudante ao contexto universitário e que sofreram intensas transformações nessa passagem ao ensino superior, que são as questões de tempo, de espaço e das regras do saber. Questões relativas ao espaço e ao tempo são importantes em todo o processo de afiliação, nas relações práticas da vida do estudante: prazos das provas, das inscrições, das matrículas, tempo das aulas dilatado, volume de estudo, ritmo de trabalho, espaços de convivência, distâncias entre instituições, deslocamentos, universidade como um espaço imenso perto dos colégios, dificuldade de localização.

Contemporaneidade Acelerada

Para Harvey (2009), tem-se vivido duas décadas de intensa “compressão do tempo-espaço” que tem impacto direto sobre as práticas políticas e econômicas, bem como sobre a vida social e cultural. O autor aponta como importante nesse processo a aceleração do tempo de giro do capital, que teria sido uma solução encontrada para os graves problemas do fordismo da década de 70, que teve inúmeras consequências para

os trabalhadores, como a aceleração da desqualificação e da requalificação para se atender às novas necessidades do trabalho. Com a necessidade de maior velocidade no giro da produção, tornou-se evidente a urgência da aceleração do consumo, da racionalização das técnicas de distribuição, da circulação de mercadorias, e das condições de pagamento. Para possibilitar esse processo investiu-se na mobilização da moda em mercados de massa em oposição aos mercados de elite, e uma diminuição do “tempo de vida” dos bens e dos serviços.

Ainda segundo Harvey (2009), essas mudanças e acelerações trouxeram diversas conseqüências para as maneiras pós-modernas de pensar, sentir e agir, como o acento na volatilidade e efemeridade de tudo (modas, produtos, valores, idéias, trabalho, práticas), a instantaneidade (de alimentos, de refeições), a descartabilidade (guardanapos, pratos, estilos de vida, relacionamentos estáveis, etc.), o bloqueio dos estímulos sensoriais, a negação e o cultivo da atitude *blasée*, a especialização míope, a dificuldade em planejamentos em longo prazo, a manipulação do gosto e da opinião.

No artigo de Peixoto (1988) sobre o olhar de estrangeiro, o autor reflete sobre as grandes cidades contemporâneas, seus habitantes e as conseqüências para suas percepções e experiências em comparação a contextos mais lentos. Peixoto pensa as mudanças operadas na estrutura urbana da cidade pela arquitetura, os meios de transporte, e os meios de comunicação, que mudaram a própria constituição da realidade. Para ele, as autopistas de alta velocidade e a informatização transformaram não somente o perfil da cidade como também imprimiram uma nova experiência e uma nova maneira de ver. O indivíduo contemporâneo tornou-se um “passageiro metropolitano em constante movimento, cada vez para mais longe, cada vez mais rápido” (Peixoto, 1988, p.361).

Explorando a ideia, o autor afirma que quanto mais rápido o movimento, as coisas ficam mais chapadas, com menos profundidade e relevo, como se estivessem enfrente a uma tela, a um muro ou a um outdoor, o que aconteceria com aquele que trafega acelerado em um veículo. Com as transformações ocorridas nas cidades, que abrigam cada vez mais a alta velocidade, tanto a paisagem urbana quanto seus habitantes passam por um processo de superficialização. Em contrapartida, as cidades tradicionais, com suas casas e prédios, eram construídas para ser vista em detalhes por aqueles que caminhavam devagar pelas calçadas, ou, no máximo, na velocidade de uma carroça, e, portanto, recebia ornamentos e acabamento em relevo.

A relação da velocidade com a paisagem urbana ou com a construção de “não-lugares” em lugares íntimos podemos observar na análise fina e poética de Manoel de Barros (2010), que utiliza como medida dos espaços a intimidade que temos com ela, portanto, para o poeta, o quintal de sua infância é maior do que o mundo. Essa característica dos espaços íntimos não escapou à análise de Milton Santos (2001) em seu livro “Pensando o Espaço do Homem, onde comenta que a emotividade e a presença humana nas coisas inanimadas e na arquitetura foi sacrificada, e agora resta-nos, citando Conrads, uma arquitetura desprovida de afetividade.

Nessa discussão sobre a intimidade que experimentamos com os espaços, ou sentido mais amplo, com a cidade e a comunidade, as contribuições de Jorge Larrosa Bondía (2002) apresentam-se muito pertinentes para se discutir a experiência do homem contemporâneo imerso em grandes centros, e da proposta que faz para novos caminhos com a cidade, com as pessoas, e com o conhecimento, objeto que tanto nos importa para a discussão da universidade.

Inicialmente é importante destacar o que o autor entende por experiência aquilo que nos passa, nos acontece ou que nos toca, ao contrário daquilo que se passa, acontece ou o que toca. Desta forma, pode-se passar muitas coisas, mas nada pode nos acontecer, nada nos serviria como experiência, e, segundo o autor, tudo o que se passa em nossa contemporaneidade está organizado para que nada nos aconteça. “Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara” (Larrosa, 2002, p.21)

Larrosa atribui a ocorrência desse fenômeno ao excesso de informação, à prática da opinião, o periodismo, a falta de tempo, e o excesso de trabalho. Segundo ele a informação não é experiência, mas, pelo contrário, a informação não deixa espaço para a experiência, sendo quase uma antiexperiência, constituindo, assim, em um grande atrativo para a sociedade contemporânea, mobilizada para constituir um número crescente de sujeitos informantes, informados e que opinam. Há uma indústria das opiniões periódicas, que alimenta a exigência de se ter, supostamente, uma opinião pessoal e crítica sobre “tudo o que se passa”. O homem contemporâneo, segundo essa linha de raciocínio, está cada vez mais enovelado pelo excesso de trabalho e consequentemente pela falta de tempo. O autor afirma que a experiência é cada vez mais rara por falta de tempo.

A humanidade, para Larrosa, estaria vivenciando a fugacidade em que tudo passa cada vez mais depressa, em uma multiplicação de estímulos instantâneos, que se substituem instantaneamente após o término do anterior. O sujeito moderno está

permanentemente excitado, é um curioso eternamente insatisfeito, consumidor voraz de notícias, opiniões e sensações, que se dão em constantes choques de estímulos fugidios, ágeis e fragmentados. Essa velocidade vertiginosa das informações, fatos e acontecimentos nos impede de uma conexão significativa entre acontecimentos, aborta toda a possibilidade de vivenciarmos experiências e o silêncio. Como não ocorrem experiências, não nos sobram vestígios, e assim, sem esses vestígios, não construímos memória.

Bosi (1987), ao falar sobre a narração, comenta que a arte de narrar vai decaindo com o triunfo da informação de imprensa, que não é pesada e medida pelo bom sendo do leitor, como também possui uma descartabilidade imediata, uma vez que só é atraente enquanto novidade, enquanto que a narração está concentrada em limites “como a da semente e se expandirá por tempo indefinido” (Bosi, 1987, p. 87). A autora também comenta a falta de memória que afeta o “receptor” da comunicação de massa, justamente pelo “[...] excesso de informações que saturam sua fome de conhecer, incham sem nutrir, pois não há lenta mastigação e assimilação” (idem).

Larrosa (2002) e Bosi (1987) mostram-se, nessas passagens, muito próximos sobre as questões da memória e da falta de vestígios que o excesso de informação e a velocidade trazem, como também ao se referirem à perda da capacidade de escutar. Para Bosi, “O homem moderno não cultiva o que ele pode simplificar e abreviar [...]” (idem, p. 88). Milton Santos (2008) traz para esse diálogo a compreensão de que esse processo é fundamental no funcionamento atual da economia global, interligada com a produção de informação, com a publicidade, a violência, a competitividade, e a compressão de tempo-espaço. Intrincada com a publicidade, a difusão imediata de notícias não tem compromisso em informar as pessoas, mas antes de confundi-las, e, assim, dominá-las. Esse domínio pela informação e pela “confusão dos espíritos” aparece na adesão irrestrita dos “consumidores” à tirania do dinheiro, do consumo, da informação, e da competitividade. De um lado a competitividade comandando nossas formas de ação, e do outro lado o consumismo comandando nossas formas de inação (Santos, 2008).

A concorrência que existia anteriormente foi substituída pela competitividade. A guerra é a norma nesse novo modo de convivência que se torna regra entre as pessoas, elimina toda forma de compaixão, e a todo custo um indivíduo necessita vencer o outro, esmagando-o para tomar seu lugar. Como base desse processo, o autor aponta o individualismo arrebatador que constitui o outro como coisa, a perda de influência da

filosofia na formulação das ciências sociais, o abandono da solidariedade, da educação, e o aumento do desemprego, gerando uma violência estrutural (Santos, 2008).

Em decorrência do consumismo e da competitividade, Milton Santos (2008) observa um emagrecimento moral e intelectual das pessoas, borrando a distinção entre ser cidadão e ser consumidor, muito embora, segundo o autor, no Brasil nunca existiu a figura do cidadão, porque os pobres jamais puderam ser cidadãos, e os ricos e aqueles que pertencem à classe média jamais quiseram ser cidadãos: *As classes médias foram condicionadas a apenas querer privilégios e não direitos.* (Santos, 2008, p. 49-50)

As consequências pessoais do trabalho no capitalismo flexível foram discutidas por Sennett (2008), e caminham na mesma direção dos argumentos apresentados até agora. A nova lógica da flexibilidade trouxe novas maneiras de organizar o tempo que influenciam diretamente a vida das pessoas. Sennett afirma que acima de tudo é a dimensão do tempo no novo capitalismo que mais diretamente afeta a vida emocional das pessoas, e não a transmissão de dados *high-tech*, os mercados de ação globais ou o livre comércio. Criou-se um lema no mundo dos negócios de que “não há longo prazo”, sendo assim as empresas fundem-se, fragmentam-se, despedem, contratam, sem os compromissos sociais sobre os quais já falamos anteriormente. Esse lema no cotidiano dos laços afetivos das amizades ou da familiar, para o autor, significa mudar, não se comprometer e não se sacrificar, além de corroer a confiança, a lealdade, o compromisso mútuo, e o caráter: “[...] o capitalismo de curto prazo corrói o caráter [...], sobretudo aquelas qualidades de caráter que ligam os seres humanos uns aos outros, e dão a cada um deles um senso de identidade sustentável” (Sennett, 2008, p.27).

Bauman (2001) contribui para o entendimento do esvaziamento dos pactos coletivos, entendendo que há uma redefinição da esfera pública como um palco de dramas privados, publicamente expostos e assistidos. A política, que outrora era a atividade de tradução dos problemas privados em questões públicas e de questões públicas em problemas privados, desaparece, porque o fato de se expor questões privadas não as tornam questões públicas. As questões hoje consideradas públicas são os escândalos, “problemas privados de figuras públicas”, encenados em larga escala através dos “espetáculos de sinceridade” – rituais de perguntas pessoais e confissões públicas –, cujos atores sob os holofotes são esportistas, estrelas do cinema, ministros do governo. Com a fragilidade das questões públicas e o imperativo de criar-se a si mesmo em um universo imenso de possibilidades e direções, Bauman compreende que essa tarefa comum a todos, mas individualizada como compromisso pessoal e

intransferível, induz à competição ríspida e fragiliza as possibilidades de cooperação e de solidariedade.

O fim da era do engajamento mútuo, com a desintegração da rede social, das ações coletivas não é apenas o resultado de uma nova técnica de poder, mas antes a condição desse novo modelo. As redes afetivas funcionam como barreiras para um poder que se quer fluido, desengajado, fugaz, livre de cercas e de fronteiras (Bauman, 2001).

Pensar a universidade hoje é pensar a contemporaneidade e as relações estreitas que esta possui com macro-estruturas e com nosso cotidiano. A universidade, ao permanecer à parte das discussões que envolvem a consolidação do capitalismo flexível, da globalização, dos mercados transnacionais, e dos impactos dessas forças em sua nova condição diante do Estado e da sociedade, ata suas mãos às vontades alheias aos seus interesses, sem compreender, sem discutir, e, portanto, sem se posicionar no novo contexto que já se encontra instaurado².

Desta forma, o estudo das relações da universidade com seus estudantes, e destes entre si, a instituição, e a produção de conhecimento, também necessitam ser inseridos em discussão mais ampla, considerando as novas práticas, discursos e forças que percorrem as ruas e, sem cerimônia, já se encontram há muito tempo nas salas de aula, nas bibliotecas, nas cantinas, nas residências universitárias.

Se as questões de tempo e de espaço estão profundamente alteradas na contemporaneidade, isso certamente afeta a vida universitária. Os estudantes, os professores, os funcionários, estão expostos cotidianamente, por exemplo, ao que Harvey (2009) chamou de “tempo industrial”, que, associado a vigorosos ritmos de mudança tecnológica, imprime um impulso geral sempre para frente e para o alto, num padrão único e irresistível da flecha do movimento do tempo.

Lançados na velocidade vertiginosa da aceleração contemporânea em busca de algo sempre distante de nossos pés, Bauman (2001) e Larrosa (2002) nos lembram de que ser moderno é ser incapaz de parar e de ficar parado. A corrida vale-se por si mesma, e, por mais cansativa que seja, a pista é sempre um lugar mais agradável do que a linha de chegada.

A cidade como a própria vida foi transformada em pista de corrida, sem descanso, sem lugar seguro, sem alvo que não se movimente mais veloz do que suas

² Quanto às propostas para a universidade ver Boaventura de Souza Santos: *A Universidade do século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade*. Educação, Sociedade & Culturas, 23, 137-202.

forças, sem vontade que se realize mais depressa do que as novas ofertas na prateleira do consumo, sem especialização que se conclua antes dos novos cursos “indispensáveis” no rentável comércio da educação. A competitividade e o individualismo, nesse contexto, tornaram-se lugar comum, natural, corriqueiro, mas estão esfarelado as relações de confiança, lealdade, cumplicidade, compromisso mútuo, e de possibilidade de ações coletivas sobre as questões públicas.

Assim, como pensar um estudante que não acesse as mesmas questões no fazer acadêmico, no tornar-se estudante? Correr mais depressa de que os outros estudantes é uma tarefa a mais na agenda? Vivenciar os espaços acadêmicos se empobreceria a ponto de se tornar, cada vez mais, uma disputa a um lugar na fila para reproduzir um texto, em pegar um livro na biblioteca antes que os demais peguem todos, em participar de uma competição velada em que se colecionam certificados para o currículo, em que se omitem informações de oportunidade de estágio, de bolsa de estudos, de intercâmbio?

Uma das bases dessa competição em um contexto brasileiro é de que não há vagas para todos. O acesso à educação universitária já é restrita e difícil, mas a disputa continua mesmo após se vencer essa primeira barreira, quando se depara com a necessidade de se utilizar os bens de que a instituição dispõe, como as vagas de estágio, as bolsas de estudo, as bolsas alimentação, os livros na biblioteca, as vagas em um curso, etc. De modo muito semelhante observa-se essa mesma disputa espacial com relação aos leitos de um hospital, às vagas nas escolas públicas, nas creches (universitárias ou não), e até mesmo nas penitenciárias superlotadas. Cotidianamente, os carros disputam milimetricamente os espaços nas ruas congestionadas, os usuários de restaurantes disputam o número sempre insuficiente de mesas, os carros disputam vagas para estacionar, em uma corrida impulsionada pela certeza de que não há lugar para todos. Assim, assistimos a gentileza e a cidadania serem corroídas por forças brutais, masculinizadas, impositivas, intolerantes com a demora, com a deficiência, e com a diferença. Exige-se uma atitude viril, ágil, com prontidão servil para avançar o mais rápido possível, mesmo que isso interfira nos espaços públicos, nas regras, nos direitos e nos espaços de outrem.

É nesse contexto que as propostas de Larrosa parecem pertinentes e desafiadoras, precisamente por lançar-se no oposto das forças impositivas, viris e rudes. A “experiência” que Larrosa (2002) propõe parece exigir a mesma intimidade da poesia de Manoel de Barros, um acontecimento sem utilidade ou pressa, alongando-se em

pausas e silêncios, tendo como princípio um sujeito mais disponível, mais aberto, mais receptivo, de uma passividade feita de atenção, paixão, exposto ao novo e aos riscos das novas travessias, aos olhares de estrangeiro, em demorar-se nos detalhes, em dar-se tempo para olhar, escutar, sentir, e suspender o automatismo, a pressa do juízo e da vontade.

Essa proposta possui impacto imediato no cotidiano universitário, na qualidade das relações entre os estudantes, por exemplo, mas também na relação e na construção do conhecimento, não mais voltado para a acumulação infinita e insaciável de informações, mas em um conhecimento comprometido e entrelaçado com a existência e, como tal, inseparável do indivíduo que a vivencia, implicando em produções singulares, heterogêneas e plurais. Comprometer-se a um “saber da experiência” é lançar-se assim como um estrangeiro que chega a um novo país ou a uma nova cidade, em que os sentidos estão disponíveis para desvelar e conhecer o que já é natural e indiferente para os habitantes locais, assim como os “espaços vazios” (Bauman, 2001), é encontrar-se em travessia, exposto, disponível.

Com uma arrogância não isenta de certa vontade de provocação, Nietzsche exige para si mesmo “leitores perfeitos, filólogos rigorosos”, pessoas capazes de “ler devagar, com profundidade, com intenção profunda, abertamente e com olhos e dedos delicados”. Sabe que a arte da leitura é rara nesta época de trabalho e de precipitação, na qual temos que acabar tudo rapidamente. Os “leitores modernos” já não tem tempo de esbanjar em atividades que demorem, cujos fins não se vêem com clareza, e das quais não podem colher imediatamente os resultados (Larrosa, 2005, p.14).

Larrosa (2005) continua comentando que os leitores contemporâneos só se dedicam a uma leitura interessados em uma atividade futura, como a escrita de uma resenha, um trabalho, um próximo livro, de consumo rápido. O autor propõe uma leitura lenta, descompromissada, em profundidade, tomando tempo, sem uma intencionalidade imediata, ou ainda, sem esperar nada em troca.

Ao ler com atenção o livro de Coulon (2008), verifica-se propostas para uma “pedagogia da afiliação”, na qual a universidade pode favorecer e não dificultar o processo de passagem para a condição de estudante, marcada por intensas rupturas. A universidade pode, assim propõe Coulon, semestralizar o ensino no primeiro ano, orientar seus professores a ter mais cuidado e indulgência com os trabalhos e avaliações dos alunos calouros, contribuindo para uma transição entre práticas tão distantes como a do ensino médio e a do ensino superior, além de proporcionar orientação para seus alunos quanto aos possíveis trânsitos dentro da universidade, e quanto ao seu processo de afiliação.

Podemos acrescentar cuidados da universidade com as políticas de acesso e de permanência, viabilizando economicamente a permanência com bolsas de estudo, de moradia e de alimentação, fomentar as discussões sobre a própria universidade através de grupos de estudo, de linhas de pesquisa, congressos, e programas de pós-graduação, além de se repensar as pedagogias para o espaço e o tempo universitários. A universidade necessita expandir o acesso aos seus serviços para além do número de vagas, garantindo equipamentos de qualidade, como, por exemplo, bibliotecas bem equipadas, centros de informática em que se garanta o uso sem mendicância ou sujeição a longas filas de espera, e a qualidade dos equipamentos, secretarias que disponibilizem informações claras aos alunos.

A universidade tanto pode contribuir para o processo de afiliação como dificultá-lo através da criação ou da manutenção de espaços que acolham atividades e encontros dos universitários, professores e funcionários, e não se atendo somente em garantir número de salas em uma arquitetura indiferente à necessidade do estudante permanecer mais tempo na universidade, período em que poderá exercitar a intimidade de que nos fala Manoel de Barros, no qual poderá estabelecer laços mais próximos com a instituição e com os outros estudantes. Ao contrário da ideia de intimidade, a nova arquitetura que invade também as universidades está disposta segunda as definições de Bauman (2001) sobre os “não-lugares”, que desencorajam a vontade de permanecer, de criar relações e preenchê-lo de expressões simbólicas.

Podemos pensar também em inúmeras implicações do tempo que a universidade poderia dispor, mas agora resumiremos às práticas dos professores, que poderiam repensar a qualidade e o volume das leituras e dos trabalhos exigidos, e da utilização mais profunda e cuidadosa das leituras e não se limitar a atividades pró-forma em que o professor sente-se qualificado em sua função ao impor uma infinidade de leituras que serão tratadas displicentemente e sem o cuidado do acompanhamento dos processos de apropriação das leituras pelos alunos.

Se a pressa, a competitividade e a alta velocidade são condições atuais de relação nas grandes cidades, como a universidade posiciona-se? A universidade, enfim, freia os processos de aceleração, de competição e de pauperização das relações sociais, ou estaria, ao contrário, contribuindo ainda mais para sua multiplicação?

Referências

BARROS, Manoel de. *Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo:

- Editora Planeta, 2010.
- BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: EDUSP, 1987.
- BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- _____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- COULON, Alain. *A Condição de Estudante: a entrada na vida universitária*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GENNEP, Van. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- GIDDENS, Anthony. *A Constituição da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- GRINBERG, Leon & GRINBERG, Rebeca. *Psicoanálises de La Migración Y Del Exílio*. Madri: Alianza Editorial, 1984.
- HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- LARROSA, Jorge Bondía. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 20-28, 2002
- _____. *Nietzsche e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. *O Olhar de Estrangeiro*, In NOVAES, A. *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *A Universidade do século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade*. Educação, Sociedade & Culturas, 23, 137-202.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SENNETT, Richard. *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.
- _____. *A Corrosão do Caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SIMMEL, Georg. O Estrangeiro, in *Grandes Cientistas Sociais*, nº34, São Paulo: Editora Ática, 1983.
- ZUIN, Antônio Álvaro Soares. *O trote no curso de pedagogia e a prazerosa integração sadomasoquista*. Revista Educação & Sociedade, Campinas, v. 23, ano XXIII, n. 79, Agosto 2002 .